AD DOCENDUM CHRISTI MISTERIA

O ministério sacramental do presbítero

DOI: <https://doi.org/10.52039/seminarios.v56i195-196.419>

JOSÉ MANUEL GARCÍA CORDEIRO¹

En estas páginas, el autor muestra con claridad que la liturgia aún tiene mucho que enseñarnos. En efecto, a lo largo de la historia de la Iglesia, la liturgia ha proporcionado no sólo el espacio privilegiado en que cultivar la expresividad simbólica de la fe, sino también un extraordinario instrumento pedagógico para revitalizar la vida cristiana y visibilizar la acción de la gracia divina. El presbítero es, mediante la acción del sacramento del orden, no sólo beneficiario de la gracia, sino instrumento activo de la misma ante el resto de hombres que anhelan experimentar la presencia de Dios en sus vidas. Para ello, la formación del presbítero (ministerio), en su forma y contenido, no puede obviar un conocimiento profundo de la capacidad mistagógica (misterio) de la liturgia y los sacramentos.

INTRODUÇÃO

Todo o ensino teológico deve convergir «*no sentido de conhecer intimamente o mistério de Cristo, a fim de este poder ser anunciado de forma mais eficaz ao Povo de Deus e a todos os homens*»².

A esta orientação da Constituição *Sapientia Christiana*, que regulamenta as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas, gostaria de articular uma expressão da liturgia Hispânica: *Ad docendum Christi misteria*³, para reflectir sobre o *ministério sacramental do Presbítero*. Por outras palavras, *a sacramentalidade e a ministerialidade do Presbítero* – «*do mistério ao ministério*»⁴ – uma feliz intuição de João Paulo II na exortação pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* sobre a formação inicial e a formação permanente dos sacerdotes nas circunstâncias actuais. Pode falar-se de formação inicial e de formação permanente porque no centro está a Liturgia, a celebração sacramental mesma da Ordenação presbiteral. É importante não esquecer o laço profundo que une a formação inicial e

1. Sacerdote desde 1991, pertence a la diócesis de Bragança-Miranda. Doctor en Sagrada Liturgia. Actualmente es rector del Pontificio Colegio Portugués, en Roma. Igualmente es profesor de liturgia en el Pontificio Ateneo de San Anselmo (Roma). Entre sus publicaciones, cabe mencionar: *A Sacramentalidade e a Ministerialidade no Primeiro Milénio*, Lisboa 2004; *Liturgia da Igreja*, Lisboa 2008 (en colaboración); *O Padre: do mistério ao ministério*, Lisboa 2009. El artículo que aparece publicado aquí es fruto de una intervención del autor en un congreso nacional sobre sacerdocio organizado en Portugal con motivo del reciente Año Sacerdotal.

2. J. PAULO II, *Constituição Apostólica Sapientia Christiana sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas*, 67.

3. *Liber Ordinum Episcopalis* de Silos 99,96, ilustra o ministério sacramental como aquele que mostra Cristo na celebração litúrgica dos seus mistérios, qual prolongamento real da história da salvação na vida da Igreja.

4. PDV 74; cf. J.M. CORDEIRO, *O padre – do mistério ao ministério*, Lisboa 2009.

a permanente e que deve fazer das duas um único itinerário orgânico de vida cristã e presbiteral.

O especial Ano Sacerdotal que a Igreja celebra é uma ocasião favorável para aprofundar o ministério sacramental do Presbítero a partir de dois conceitos fundamentais no Rito da sua Ordenação, isto é, *o mistério e o ministério*. Os mesmos conceitos foram repropostos pela *Pastores Dabo Vobis* como *representação sacramental e caridade pastoral* em vista da formação unitária do Presbítero.

Efectivamente, a sacramentalidade é o traço mais específico do ministério presbiteral. A essencialidade do momento litúrgico não é um mero acto jurídico, no qual se estabelece um ministério, mas é o reconhecimento da absoluta gratuidade da acção de Deus com a efusão do Espírito Santo que Cristo recebeu do Pai. O ministério do presbítero é participação no mistério de *Cristo Cabeça e Pastor, Servo e Esposo da Igreja*. Por isso, o presbítero é representação de Cristo e da Igreja no exercício ministerial, tendo como elemento central a caridade pastoral, ou seja, o amor característico do presbítero que forma, governa e santifica os irmãos. A inteligência do perfil teológico do presbítero, que brota da dinâmica *lex orandi/lex credendi* é, ao mesmo tempo, sacramental e ministerial.

1. O MYSTERIUM, SACRAMENTUM

Pela palavra *mysterium* designam-se os eventos histórico-salvíficos definitivamente realizados em Cristo, como aparecem na perspectiva paulina e, ainda os ritos litúrgicos que dão acesso a tais eventos⁵. De facto, a liturgia é o *mysterium* total sintetizado no mistério pascal, qual coração do mistério cristão; celebrado na acção litúrgica; para a vida do Povo de Deus, do fiel no Corpo de Cristo que é a Igreja⁶. «Trata-se de uma espécie de dado teológico geral: todo o acolhimento do “mistério” abre ao “ministério”. Ministério de anúncio do mistério: “nós não podemos calar o que vimos e ouvimos” (Act 4,20)»⁷.

O uso patrístico de *sacramentum* e de *mysterium* reforçam a relação entre a acção e o acontecimento histórico-salvífico, como sinais sensíveis do Mistério pascal de Cristo, vivido e celebrado, como o centro de toda a história da salvação. Com efeito, «o ponto de partida obrigatório de toda a teologia dos sacramentos é a prática concreta da Igreja, o acto mesmo da celebração e não qualquer outro princípio abstracto»⁸.

5. Cf. E. MAZZA, “La portata teologica del termine «mistero»”, *Rivista Liturgica* 74 (1987) 333.

6. Cf. A.M. TRIACCA, «*Liturgia locus theologicus o Theologia locus liturgicus? Da un dilemma verso una sintesi*», in G. FARNEDI, ed., *Paschale Mysterium. Studi in memoria dell'Abate Prof. Salvatore Marsili (1910-1983)*, Studia Anselmiana 91 - Analecta liturgica 10, Roma 1986, 213-214.

7. L.M. CHAUVET, *L'arte del presiedere la liturgia*, Edizioni Qiqajon, Bose 2009, 9.

8. L.M. CHAUVET, *Du symbolique au symbole. Essai sur les sacrements*, Paris 1979, 128.

É um dom inestimável estar ao serviço de Cristo e dos mistérios de Deus, como afirma S. Paulo: «*que as pessoas nos considerem como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus*»⁹. O mesmo agradecemos na Oração Eucarística II: «*Vos damos graças porque nos admitistes à vossa presença para Vos servir nestes santos mistérios*». O presbítero é assim, servidor de Cristo, para ser Nele e com Ele, servidor dos homens. Para isso, participa na função profética, sacerdotal e pastoral de Cristo e age *in persona Christi*. É uma configuração sacramental com Cristo, o único mistério de Deus.

Na reflexão sobre o ministério e a vida dos presbíteros, o Concílio julgou oportuno reafirmar a sacramentalidade do presbiterado ao declarar: «*o sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial, em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um carácter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo Sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo Cabeça (cf. LG 10)*»¹⁰.

O simbolismo do gesto da imposição das mãos e a oração subsequente são a afirmação da primazia da acção de Deus e a origem sacramental do ministério presbiteral. Esta centralidade da celebração litúrgica da ordenação dos presbíteros teve um percurso contínuo e descontínuo, passando da imposição das mãos e oração de ordenação, como atesta a vida litúrgica da Igreja, para a *traditio instrumentorum* no Concílio de Florença em 1439¹¹, para depois voltar com Pio XII à imposição das mãos e oração, como rito essencial da ordenação¹², na continuidade da *Traditio Apostolica*. Apesar destas alterações, a sacramentalidade do sacerdócio nunca foi posta em dúvida por nenhum teólogo católico¹³.

Com a imposição das mãos põe-se em relevo o envio do presbítero à comunidade para que a presida, a apascente com doutrina e a santifique com os sacramentos. O destinatário do enviado é a própria comunidade cristã. Ao passo que, com a *traditio instrumentorum*, se valoriza mais o aspecto cultual e a *potestas* da oferta do sacrifício pelos vivos e pelos mortos¹⁴, como a transmissão de um poder espiritual.

O rito essencial é referido pelo II Concílio do Vaticano, ao falar dos laços especiais que unem o colégio presbiteral: «isto mesmo, desde os tempos remotos é significado liturgicamente quando os presbíteros presentes são convidados a

9. «*Sic nos existimet homo ut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei*» (1Cor 4,1).

10. PO 2.

11. Cf. DH 1326.

12. Cf. PIO XII, «*Sacramentum ordinis*», AAS 40 (1948) 6.

13. Cf. LENGELING, «Teologia del sacramento dell'ordine nei testi del nuovo rito», *Rivista Liturgica* 56 (1969) 31.

14. Cf. ARNAU, *Orden y ministerio*, Madrid 1995, 224.

impor as mãos, juntamente com o Bispo ordenante, sobre o novo eleito, e bem quando concelebram, num só coração, a sagrada Eucaristia»¹⁵.

Hoje, a sacramentalidade torna-se uma exigência da ministerialidade da própria Igreja, porquanto o vértice das intervenções de Deus na história aconteceu no mistério de Cristo (encarnação, paixão, morte, ressurreição, ascensão e dom do Espírito) e é do cumprimento de tal mistério que nasce o admirável sacramento de toda a Igreja: «*foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja*»¹⁶. Desta elaboração bíblico-litúrgica brota a compreensão da sacramentalidade como perpetuação do mistério pascal de Cristo no tempo e compreende-se a liturgia como história da salvação em acto, na qual o exercício do sacerdócio de Cristo assegura tal permanência da realidade memorial da sua Páscoa, actualizando-a nos fiéis mediante os sacramentos.

A Igreja age nos sacramentos como uma comunidade sacerdotal, organicamente estruturada: pelo Baptismo e pela Confirmação, o povo sacerdotal torna-se apto a celebrar a liturgia; pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, os cristãos não oferecem só o sacrifício divino, mas oferecem-se a si mesmos com ele; pela Penitência obtêm a misericórdia de Deus e o perdão das ofensas; pela unção dos Doentes e a oração dos presbíteros, toda a Igreja encomenda os doentes ao Senhor; pela Ordem, certos fiéis ficam constituídos em nome de Cristo para apascentar a Igreja com a palavra e a graça de Deus; pelo Matrimónio, os conjugues cristãos auxiliam-se mutuamente para a santidade¹⁷.

A celebração do mistério na liturgia é, portanto, a actualização do próprio mistério pascal de Cristo e esta mesma celebração sacramental requer a ministerialidade da Igreja, que ritualiza a fé naquele único mediador entre Deus e os homens, que nos deu a plenitude do culto divino¹⁸. A liturgia é, desta forma, a acção ministerial da Igreja que torna presente o mistério de Cristo, isto é, o prolongamento visível do mistério e ministério salvífico de Cristo na Igreja. O mesmo reafirma a actual reforma da liturgia pós II Concílio do Vaticano, ao salientar claramente a sua estreita ligação com a teologia dos sacramentos, estabelecendo como fim supremo de toda a renovação litúrgica: «*tender a fazer viver o Mistério pascal*»¹⁹, querendo, em contemporâneo, indicar a imprescindível ligação entre a teologia e a liturgia com o retorno às fontes²⁰, surgindo, assim, a liturgia como mistério e ministério.

15. PO 8.

16. «*Nam de latere Christi in cruce dormientis ortum est totius Ecclesiae mirabile sacramentum*», SC 5.

17. Cf. LG 11.

18. Cf. SC 5.

19. «*ut mysterium paschale vivendo exprimatur*», SACRA CONGREGATIO RITUUM, «*Instructio ad executionem Constitutionis de sacra Liturgia recte ordinandam, Inter Oecumenici 6*», AAS 56 (1964) 878.

20. Cf. SC 35.

2. O MINISTERIUM

O conceito grego *diakonia*, traduzido em latim por *ministerium*, significa ministério, cargo, ofício, função de um *minister*, não só no sentido específico dos diáconos, mas como expressão cultual do serviço de Deus na liturgia.

O *ministerium*, que era tido como sinónimo de escravidão e servidão em tom depreciativo, tornou-se o lema de Cristo, o diácono por excelência do Pai e dos homens. Cristo-servo, que veio para dar a vida pela salvação de todos, propõe a grandeza do ministério como serviço «Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!»²¹. No seio do povo sacerdotal de Deus, Jesus, o único sacerdote, chamou um grupo de discípulos e escolheu doze, para participarem do seu mesmo sacerdócio, indicando o serviço a ser exercido na caridade pastoral, como forma específica do discipulado, a fim de se tornarem livremente servos de todos por Cristo, com Cristo e em Cristo. Deste modo, o ministério sacramental da Igreja apresenta-se como um serviço colegial e pessoal exercido em nome de Cristo.

O uso do vocábulo *ministerium* é, portanto, um termo privilegiado para designar a função cultual ou o serviço de Deus, aquilo a que damos o nome de liturgia. A palavra *ministerium* deriva do substantivo *minister*, muito usado na tradição litúrgica. O *minister* (*minus+ter – magis+ter*) é aquele que serve.

Efectivamente, o *ministerium* é um modo especial de viver o serviço cristão dentro da Igreja, o qual pressupõe uma vocação, confirmada pela ordenação sacramental. Intrinsecamente ligado à sacramentalidade do ministério eclesial está o seu carácter de serviço. A função não é meramente externa, mas é participação original no sacerdócio de Cristo «um ministério superior»²², mediador de uma aliança bem melhor.

Precisamente por isso, a ministerialidade significa serviço, não de qualquer maneira, mas um serviço conforme o Evangelho, qual expressão do único e mesmo mistério e ministério salvífico de Cristo. O ministério apostólico, em primeiro lugar, e depois todos os outros que o Espírito suscitou, são a actuação do mistério, como evento inscrito no mistério da Igreja de Cristo, existindo uma complementaridade entre a ministerialidade e a sacramentalidade, tal como o mesmo Senhor Jesus se apresentou aos seus discípulos.

O II Concílio do Vaticano realçou o tríplice ministério de Cristo Profeta, Sacerdote, Pastor²³, para, assim, sublinhar que a ordenação dos ministérios não orienta só para os sacramentos, mas dá competência para o serviço da Palavra e da unidade da Igreja. O princípio de todo o ministério na Igreja é o próprio Cristo, porque foi Ele quem instituiu a Igreja e lhe deu autoridade e missão, orientação e finalidade para apascentar o povo de Deus.

21. Lc 22,27.

22. Hb 8,69.

23. Cf. PO 2,4-6.13.

O ministério que brota do mistério é este “estar à frente”, o que pressupõe a diferença entre aqueles que se encontram à frente e resulta na diversidade de funções: «nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, exercendo o seu ofício e a fazer tudo e só o que é de sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas»²⁴. No interior do Povo de Deus, o sacerdócio dos presbíteros diferencia-se «não apenas em grau mas por essência»²⁵.

E, estes, enquanto cooperadores dos Bispos, são consagrados para anunciar o Evangelho, apascentar o Povo de Deus e celebrar o culto divino, principalmente no sacrifício do Senhor²⁶. As expressões da oração de ordenação: «*secundi meriti munus*» e «*cooperatores ordinis nostri [episcopalis]*», de origem sacramental, querem fundamentar a comunhão dos presbíteros com o Bispo e entre si, numa autêntica fraternidade sacramental²⁷. Esta função de “secundar”²⁸ o Bispo é, para o presbítero, a sua grandeza e ao mesmo tempo a sua limitação.

O presbítero é aquele que «por missão e vocação é colocado na Igreja ao serviço da Palavra e dos sacramentos para o bem dos seus irmãos»²⁹. E, na imprescindível referência ao presbitério (o *ordo*), o ministério presbiteral caracteriza-se como ministério de apascentar ou guiar o Povo de Deus³⁰. A origem deste ministério é sempre o mistério celebrado.

3. A FORMAÇÃO DO PRESBITERO DIOCESANO

A formação dos presbíteros (inicial e permanente) deve ser uma prioridade na toda a Diocese e do Bispo em particular: «com tudo o que supõe de oração, dedicação e canseira, a formação dos presbíteros constitui para o Bispo uma preocupação de primordial importância»³¹. O primeiro representante de Cristo na formação presbiteral e o princípio “sacramental” da unidade do presbitério é o Bispo.

A partir da articulação da *Pastores Dabo Vobis* acenamos brevemente às quatro dimensões da formação³²: humana, espiritual, intelectual e pastoral e

24. SC 28.

25. LG 10.

26. Cf. Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos 123.

27. Cf. A. GARCÍA MACÍAS, «“El segundo grado del ministerio sacerdotal”. En torno a la expresión litúrgica “*secundi meriti munus*”», in *Fovenda Sacra Liturgia. Miscelánea en honor del Doctor Pere Farnés*, Barcelona 2000, 142-143; P. TENA, «La ‘*Prex ordinationis*’ de los presbíteros en la II edición típica», 129.

28. Cf. P. TENA, «La ‘*Prex ordinationis*’ de los presbíteros. Etapas de la formación del texto», in *Mysterium et ministerium. Miscelánea en honor del profesor Ignacio Oñativia Audela en su 75º cumpleaños* (Victoriensia 60), Vitoria 1993, 478.

29. K. RAHNER, *Il sacerdote e la fede, oggi*, Roma 1990, 7.

30. Cf. LG 11.

31. J. PAULO II, *Pastores Gregis*, 48.

32. Cf. CNBB, Directrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Cinco dimensões antropológico-teológicas da formação, a saber: formação humano-afectiva, formação comunitária, formação espiritual, formação pastoral-missionária e formação intelectual.

acrescentamos mais uma – a formação comunitária. Estas cinco dimensões antropológico-teológicas da formação correspondem às exigências da identidade e missão dos presbíteros, tornando-se ainda mais necessárias no momento presente da história.

Além de ser um espaço: «o seminário é tempo destinado à formação e ao discernimento» – disse e acrescentou o Papa Bento XVI aos seminaristas – : «O seminário é tempo de caminho, de busca, mas sobretudo de descoberta de Cristo. (...) Quanto mais conheceis Jesus tanto mais o seu mistério vos atrai; quanto mais O encontrais tanto mais estais impulsionados a procurá-Lo. É um movimento do espírito que dura toda a vida, e que encontra no seminário uma estação repleta de promessas, a sua «primavera»»³³.

O Seminário representa para a Igreja local um dos bens mais preciosos, a tal ponto de ser chamado “o coração da Diocese”, porque a renovação do presbitério é determinante para a vida de uma Diocese.

3.1. Formação humana

Ao tratar das diversas dimensões da formação presbiteral, a Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, antes de se voltar para a dimensão espiritual, elemento de máxima importância na educação presbiteral³⁴, nota que a dimensão humana é o fundamento de toda a formação. Ela enumera uma série de virtudes humanas e de capacidades relacionais que se requerem do presbítero, para que a sua personalidade seja uma «ponte e não um obstáculo para os outros no encontro com Jesus Cristo, Redentor do homem»³⁵. Elas vão desde o equilíbrio geral da personalidade até à capacidade de carregar o peso das responsabilidades pastorais, desde o conhecimento profundo da alma humana até ao sentido da justiça e da lealdade.

Na verdade, a dimensão humana é fundamental em todo o itinerário educativo para o presbiterado. Algumas características para poder ser um padre ‘suficientemente maduro’³⁶ merecem particular atenção: «o *sentido positivo* e

33. BENTO XVI, *Discurso aos seminaristas em Colónia*, 19.08.2005.

34. Cf. PDV 45.

35. PDV 43.

36. O conceito de maturidade aqui subjacente é dinâmico, isto é, a maturação na docilidade ao Espírito. «Aberto à realidade e disposto a conhecê-la e a aceitá-la; aprender a conhecer, reconhecer e gerir os sentimentos e as emoções; disposto a escutar todas as pessoas; capaz de estar só consigo mesmo; buscador de valores autênticos em confronto com a dominante concepção consumista e individualista da vida; alguém que viveu a experiência de ser amado e está pronto a amar generosamente sem barreiras; alguém que assume a responsabilidade da sua própria vida e aprende a orientá-la para uma autenticidade sempre maior; alguém que manifesta na vida: amor à verdade, lealdade, respeito por cada pessoa, sentido da justiça, fidelidade à palavra dada, coerência, equilíbrio de juízos e comportamentos. Cf. L. MONARI, «La vita e il ministero del presbitero per una comunità missionaria in un mondo che cambia: nodi problematici e prospettive», in CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Lettera ai sacerdoti italiani*, Bologna 2006, 22-27.

estável da própria identidade viril e a capacidade em relacionar-se de modo amadurecido com outras pessoas ou grupos de pessoas; um sólido sentido de pertença, fundamento da futura comunhão com o presbitério e de uma responsável colaboração com o ministério do bispo; a liberdade em entusiasmar-se por grandes ideais e a coerência em realizá-los nas ações de cada dia; a coragem em tomar decisões e de permanecer fiel a elas; o conhecimento de si, das suas qualidades e limitações, integrando-as num apreço de si diante de Deus; a capacidade de se corrigir; o gosto pela beleza entendida como “esplendor da verdade” e a arte em reconhecê-la; a confiança que nasce da estima pelo outro e que leva ao acolhimento; a capacidade do candidato em integrar, segundo a visão cristã, a sua sexualidade, inclusive na consideração da obrigação do celibato»³⁷.

Um psiquiatra não crente escreveu recentemente um livro³⁸ acerca dos padres. Diz ele que «parece-me poder dizer que se o Bispo quer que os seus padres sejam santos, eu como psiquiatra gostaria que fossem serenos e ao menos, algumas vezes, felizes»³⁹.

3.2. Formação comunitária (a sacramentalidade do presbitério)⁴⁰

O sentido da vida e da missão do presbítero é determinado pela qualidade e profundidade da sua experiência de comunhão. A vida de comunhão experimentada já no Seminário, deve ser aprofundada no presbitério para reanimar no coração do presbítero a razão da sua consagração e lhe oferecer o necessário suporte afectivo para o árduo, e muitas vezes solitário, serviço pastoral.

As motivações para a vida comunitária têm de ser renovadas constantemente. As suas raízes são:

- 1) a natureza da vocação da Igreja chamada e constituída por Deus um povo⁴¹;
- 2) a essência do ministério presbiteral, que só pode ser assumido como uma missão comunitária;
- 3) a comunhão com Cristo vivida na intimidade própria dos primeiros discípulos, chamados para que “ficassem com ele”⁴².

37. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008, 2.

38. V. ANDREOLI, *Preti. Viaggio fra gli uomini del sacro*, Piemme, Milano 2009.

39. V. ANDREOLI, *Preti*, 8.

40. A teologia do presbitério tem sido ultimamente bastante desenvolvida, ex. 3 títulos recentes: Cf. G. FRAUSINI, *Il presbiterio. Non è bene che il vescovo sia solo*, Cittadella Editrice, Assisi 2007; M. MORONTA RODRÍGUEZ, *El presbiterio y la fraternidad sacerdotal*, Madrid 2008; UNIONE APOSTOLICA DEL CLERO, *Il presbiterio nella storia, nella teologia, nelle Chiese particolari*, Atti del XX Convegno Nazionale Unione Apostolica del Clero 16-19 giugno 2008, Todi 2008.

41. Cf. LG 9.

42. Mc 3,14.

Considerando a natureza comunitária do ministério presbiteral, o seminarista e o presbítero devem cultivar a capacidade de: conviver e integrar-se em comunidade; assumir responsabilidades e desenvolver o espírito de iniciativa; trabalhar em equipa sabendo dar e receber ajuda; reconhecer a necessidade do outro e ser solidário; valorizar o trabalho dos outros; escutar atentamente os outros.

Por outro lado, há que superar entraves graves à experiência fraterna e comunitária, como: atitudes individualistas e narcisistas; comportamentos de isolamento; busca de promoção pessoal; competição; gosto pelo luxo e pela mordomia e aburguesamento; crítica negativa “intriga eclesiástica” e a submissão por conveniência.

A vida comunitária coloca-nos diante de duas realidades fundamentais na vida do presbítero:

- 1) a comunhão de fé com o Bispo e com todo o presbitério;
- 2) a partilha da vida com o Povo de Deus, o qual deve estimar, acolher, amar e servir.

O Magistério na continuidade da Tradição e especialmente na *Lumen Gentium* e *Presbyterorum Ordinis* atribuiu um importância especial ao Presbitério, afirmando na *Pastores Dabo Vobis*: «o presbitério é um mistério: *de facto, é uma realidade sobrenatural porque se radica no sacramento da Ordem. Este é a sua fonte, a sua origem. É o “lugar” do seu nascimento e crescimento. Com efeito, “os presbíteros, mediante o sacramento da Ordem, estão ligados a Cristo único Sacerdote por um vínculo pessoal e indissolúvel. A Ordem é-lhes conferida como pessoas singulares, mas são inseridos na comunhão de todo o presbitério com o Bispo”*»⁴³. Por isso mesmo, o presbitério da Diocese é o primeiro ambiente de formação com todas as suas reuniões, encontros fraternos ou festivos, celebrações, exercícios espirituais, encontros de estudo e de reflexão. Também as associações e fraternidades presbiterais são ambientes de formação e exercício comunitário do ministério.

3.3. Formação espiritual

A vida espiritual é o coração que unifica e dá vida a todo o caminho da formação dos futuros presbíteros. O seu conteúdo essencial é a partilha da experiência do mistério pascal de Cristo Pastor, sob a acção do Espírito Santo.

Momento essencial do encontro com Cristo é a liturgia, que conduz os seminaristas à experiência da oração de toda a Igreja (Liturgia das Horas), ao ritmo do Ano litúrgico, na celebração sacramental, em especial da Eucaristia e da Reconciliação. As linhas fundamentais de tal formação são: a união íntima a Cristo,

43. PDV 74.

a leitura meditada e orante da Palavra de Deus (*lectio divina*), a autêntica oração cristã, o sentido profundo do humano e o valor religioso do silêncio, os sacramentos, a liturgia, o procurar Cristo nos homens, o dom generoso e gratuito de si mesmo (celibato).

Ouso propor a espiritualidade litúrgica como a espiritualidade genuinamente cristã. A vida cristã requer sempre uma vida espiritual, que não pode existir sem a liturgia⁴⁴. A Igreja, com efeito, salienta claramente esta tese e apresenta a liturgia na vida espiritual cristã como «*fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão, que é a participação activa nos santos mistérios e na oração pública e solene da Igreja*»⁴⁵. Podemos afirmar que a liturgia é a teologia celebrada e a Bíblia rezada.

No último Sínodo sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, os Padres sinodais, nas Proposições entregues ao Papa, referiram-se à sacramentalidade da Palavra de Deus e evidenciaram a relação da homilia com a espiritualidade do presbítero: «*a homilia faz que a Palavra proclamada se actualize... ela conduz ao mistério que se celebra, convida à missão e partilha as alegrias e dores, as esperanças e os medos dos fiéis... Deveria haver uma homilia em todas as missas "cum populo", também durante a semana. É preciso que os pregadores (Bispos, Presbíteros e Diáconos) se preparem na oração, para que preguem com convicção e paixão. Devem pôr-se três perguntas: o que é que dizem as leituras proclamadas? O que é que me dizem a mim? O que é que devo dizer à comunidade, tendo em conta a sua situação concreta? O pregador deve ser o primeiro a deixar-se interpelar pela Palavra de Deus que anuncia*»⁴⁶.

A liturgia está na origem do desenvolvimento e da consumação da própria vida cristã. Esta é a vida segundo o Espírito, coerente com Ele. À liturgia é dado o lugar de «*culmen et fons*»⁴⁷ da acção da Igreja. Da mesma liturgia vem a santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, que constituem a estrutura teândrica da liturgia, a actuação objectiva do evento salvífico. A espiritualidade litúrgica é sempre relacional (amor intra-trinitário) porque a oração é constantemente dirigida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

3.4. Formação intelectual

«O percurso de estudo que é oferecido pelos Centros académicos eclesiais como as Faculdades de Teologia e os Institutos nelas incorporados, agregados e afiliados tem a finalidade de garantir ao estudante um conhecimento completo e orgânico de toda a Teologia; isto é exigido de modo particular da-

44. Cf. A. COELHO, *A importância da cultura litúrgica na vida espiritual* (Vida litúrgica 3), Braga 1927; Cf. E. BIANCHI, *Lessico della vita interiore. Le parole della spiritualità*, Milano 2004, 15-18.

45. PIO X, *Motu proprio «Tra le sollecitudini»*, AAS 36 (1903-1904) 331.

46. SÍNODOS DOS BISPOS, *Proposições entregues ao Papa 2008*, 15.

47. SC 10.

queles que se preparam para o sacerdócio. Além disso, ele propõe-se aprofundar de modo completo as diversas áreas de especialização da Teologia, adquirir o necessário uso do método científico próprio de tal disciplina e outrossim elaborar uma contribuição científica original»⁴⁸.

O grande teólogo Lonergan (†2004) escreveu que «o método não é um conjunto de regras propostas para que um estúpido as siga meticulosamente. É uma estrutura em vista de uma criatividade em colaboração»⁴⁹. É evidente que não basta um método ou até querer ou ser inteligente para acreditar, é preciso fazer a experiência do encontro com Cristo. (Deus não se aprende nos livros).

Aqui os professores do Instituto ou da Faculdade de Teologia têm um papel fundamental no seu “ministério teológico”. Neste itinerário é necessário que os professores tenham consciência que também são formadores e que não se podem fechar numa mera preocupação académica com a sua própria disciplina, mas devem actuar em espírito eclesial, participando do conjunto do processo formativo e facilitar a interdisciplinaridade e a transversalidade nas dimensões teológicas.

Actualmente, o paradigma da formação alterou-se e passou a ser encarado como um processo continuado e permanente. Ninguém se pode considerar formado no termo da sua passagem pelo Seminário/Faculdade de Teologia/Instituto Superior de Teologia. Requer-se ao teólogo uma capacidade crítica para ler a realidade pessoal e social e a cultura que essa incarna, aquela alegria de procurar a verdade, de descobri-la e comunicá-la⁵⁰.

O estudo da teologia busca uma inteligência aprofundada dos mistérios da fé cristã que seja capaz de orientar o ser, o saber e o agir do presbítero. A inteligência (no sentido de *intus+legere*)⁵¹, «aquela inteligência do coração que sabe “ver” primeiro o *mistério de Deus* e depois é capaz de comunicá-lo aos irmãos»⁵². A inteligência da fé em Cristo, que supera a mera ciência conceptual, mas que exige um sólido estudo da filosofia e da teologia para ser luz na hodierna noite cultural.

Com efeito, a qualidade dos futuros presbíteros depende da seriedade da sua formação. Pois, «os sacerdotes participarão mais de perto dos empenhos dos seus bispos, assumindo tarefas pastorais sempre mais gerais e complexas, juntamente com iniciativas cada vez mais vastas dentro e fora da diocese. Esta avultada responsabilidade pastoral requer, é óbvio, uma competência teológica e segurança doutrinal não comuns»⁵³.

48. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrução sobre os Institutos Superiores de Ciências Religiosas*, 2008, 2.

49. B. LONERGAN, *Il metodo in teologia*, Roma 2001, 29.

50. Cf. S. AGOSTINHO, *Confissões* 10, 33.

51. Não deixar-se impressionar pelo que parece e arquitectar uma reflexão, mas entrar no mistério mediante uma atitude de participação na vida quotidiana.

52. PDV 51.

53. SAGRADA CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Formação Teológica dos Futuros Sacerdotes. Introdução*. 22.02.1976.

No estudo teológico há uma dupla direcção: *o estudo da Palavra de Deus e do homem interlocutor de Deus*. Tal estudo é feito à luz da tradição viva da Igreja e do seu Magistério, na escola dos Padres da Igreja, da liturgia e da história da Igreja. O Vaticano II acentua esta linha, ao afirmar: «...procurem os professores das outras disciplinas, sobretudo de teologia dogmática, Sagrada Escritura, teologia espiritual e pastoral, fazer ressaltar, a partir das exigências intrínsecas de cada disciplina, o mistério de Cristo e a história da salvação, para que se veja claramente a sua conexão com a Liturgia e a unidade da formação sacerdotal»⁵⁴.

A “unidade e a solidez” da formação intelectual é um cuidado a ter na organização dos estudos, de modo a evitar “a multiplicação de disciplinas e as questões de pouca importância”, como recordou o Concílio⁵⁵, concentrando-se num conteúdo doutrinal substancial e orgânico nas questões de real interesse pastoral.

Também faz parte do quotidiano formativo a educação da sensibilidade mediante a experiência do belo. As artes no seu conjunto falam-nos do precioso dom da vida através dos seus contrastes e é a beleza do verdadeiro que brilha. A propósito escreve um filósofo Russo: «Deus criou a beleza para nos ajudar a compreendê-Lo»⁵⁶. Nos caminhos de Deus a beleza e a verdade andam de mão dadas.

3.5. Formação pastoral

Toda a formação pastoral orienta-se a dispor o coração dos seminaristas e dos presbíteros para a caridade pastoral de Cristo cabeça, pastor, servo e esposo da Igreja. O Seminário Maior, como espaço em que todas as dimensões devem ser trabalhadas de modo global e integrado, é o primeiro espaço da formação pastoral numa articulação com a família, a primeira escola de fé; as paróquias⁵⁷, lugares privilegiados da pastoral; os movimentos e novas comunidades; o Instituto ou Faculdade de Teologia; outros lugares (os pobres, os jovens, a cidade, a educação, a saúde, as prisões, a política, a comunicação social, o turismo, a missão, os católicos afastados...).

Ao Instituto/Faculdade de Teologia, espaço privilegiado de formação intelectual, a Igreja pede que garanta o eixo da pastoralidade, como costura da matriz curricular e do ensino de todas as disciplinas e que o ensino da Teologia pastoral conheça e respeite o plano de pastoral das Dioceses nas suas diferentes dimensões.

54. SC 16.

55. Cf. OT 17.

56. P.J. CAADAU, «Aforismi e note varie», in *Russia Cristiana* 197 (1984) 18.

57. A experiência mostra quanto é importante no processo de formação do futuro pastor, o exemplo e testemunho de presbíteros em cujas comunidades o seminarista realiza o estágio pastoral. Os párocos têm muito a testemunhar: a prática da Liturgia, a vivência fiel do celibato, a relação com a comunidade e a Diocese, o sentido da liberdade conferido ao compromisso da obediência, a integração efectiva das actividades pastorais no conjunto da acção evangelizadora da Diocese, a amizade sacerdotal... A norma suprema da educação é o testemunho.

A formação pastoral não é só reservada ao chamado ‘Ano Pastoral’, nem só a aprendizagem de uma qualquer técnica pastoral, mas uma reflexão científica sobre a Igreja no seu edificar-se quotidiano, com a força do Espírito, dentro da história sobre a Igreja fundada na caridade pastoral de Cristo. Ela está oreintada à configuração prática do presbítero pastor, discípulo e missionário de Jesus Cristo.

O conceito ‘*caridade pastoral*’ tem a sua fonte no próprio sacramento da Ordem e constitui a alma de todo o ministério presbiteral. Neste sentido, nunca se pode separar a acção litúrgica da acção pastoral. Os dois imperativos evangélicos, o da missão “*Ide e ensinai*”⁵⁸ e o da Eucaristia (Liturgia) “*Fazei isto em memória de Mim*”⁵⁹, coincidem no mesmo e único fundamento básico do mistério e mi(ni)stério do padre diocesano. Por outras palavras “viver o que se celebra, para celebrar dignamente o que se vive”.

Considerando a prioridade da formação presbiteral, em todas as suas dimensões, a preparação académica qualificada dos formadores dos Seminários e professores dos Institutos/Faculdades de Teologia exige das Dioceses constante atenção, sacrifícios pastorais e investimento económico.

O Santo Padre escolheu, para este ano, o tema: «*fidelidade de Cristo – fidelidade do sacerdote*». De facto – como recordava João Paulo II – : «o sacerdócio não é propriedade nossa, para fazermos o que nos agrada; não podemos reinventar o seu significado, segundo o nosso ponto de vista pessoal. O que nos compete é ser fiéis Àquele que nos chamou»⁶⁰. A fidelidade é um mistério de amor que vence o tempo.

Para mostrar os mistérios de Cristo e viver sempre do mistério ao mi(ni)stério – há que «*encontrar paciência bastante para aguentar – aconselhava Rainer Rilke – e inocência bastante para acreditar, mais confiança no que é difícil e no estado de solidão entre os outros. E no mais, deixe acontecer a vida. Acredite-me a vida tem razão em todos os casos*»⁶¹.

Em conclusão, o mistério do ministério é sempre o mesmo e o único mistério de Deus: Cristo, nossa Páscoa.

58. Mt 28, 18-20.

59. 1 Cor 11,24; Lc 22,19.

60. J. PAULO II, *Aos Sacerdotes e Religiosos da Escócia*, 31.05.1982.

61. R. M. RILKE, *Cartas a um jovem poeta*, Porto 2002, 87.